

SEÇÃO DE LIVROS PRIMEIRA PARTE

A EDUCAÇÃO DE UM ESPIÃO SOVIÉTICO



Condensação de **"KGB"**
JOHN BARRON

A EDUCAÇÃO DE UM ESPIÃO SOVIÉTICO

Durante mais de dois anos, The Reader's Digest trabalhou num estudo exaustivo do KGB, a enorme organização do serviço secreto da União Soviética. Repórteres e redatores, percorrendo o globo, descobriram fatos jamais divulgados. São descobertas sensacionais, inclusive revelações exclusivas de agentes soviéticos que se passaram para o Ocidente. (Ver "Nas Entrelinhas", página I.)

A parte dêsse estudo que agora publicamos revela em detalhes assombrosos e sinistros uma face oculta do KGB. Cheio da intriga e do drama dos romances de espionagem, êste é o primeiro relato autêntico do recrutamento e preparação de um moderno espião soviético.

Condensação de

"KGB"

THE SECRET WORK OF
SOVIET SECRET AGENTS,

JOHN BARRON

NA ESTAÇÃO ferroviária de Yaroslavsky em Moscou, um passageiro simpático, de aspecto nórdico, saltou do Trem Transiberiano e afastou-se dos outros que desembarcavam. Era conhecido por muitos nomes, mas na realidade chamava-se Kaarlo Rudolph Tuomi, veterano de guerra do Exército soviético, professor de inglês e informante secreto do KGB.

Não sabia por que tinha sido chamado a Moscou, nem com quem iria encontrar-se. Obedecendo a uma série de sinais previamente combinados, pendurou o guarda-chuva no braço esquerdo e esperou.

Daí a pouco um desconhecido aproximou-se dele.

—Bom dia. Diga-me, como vai seu tio Efim?

—Infelizmente acaba de falecer—respondeu Tuomi.

—Que pena! Tenha a bondade de vir comigo.

Em silêncio, os dois homens viajaram num pequeno carro Moskvich até a um hotel militar, onde Tuomi foi levado para um apartamento no terceiro andar.

—Êstes serão os seus aposentos—disse o homem que o acompanhara.—Vai receber visitas ao fim de algum tempo. Não saia.

O luxo do apartamento intimidou Tuomi. Só o quarto era maior do

que o apartamento em que morava com a mulher e três filhinhos. A sala ao lado, enfeitada com flôres frescas, era maior ainda. Na mesa do centro havia uma fruteira cheia de laranjas, maçãs, bananas e uvas, ao lado de garrafas de conhaque, uísque escocês e vodca. O banheiro tinha até uma banheira embutida.

Uma hora depois de sua chegada ao apartamento, Tuomi ouviu a porta da sala abrir-se. Quando um general e um coronel do Exército entraram, êle ficou em posição de sentido.

—Por favor, sente-se e acalme-se—disse o pequeno e elegante coronel.—Não há necessidade de formalidades entre nós. Seus aposentos são satisfatórios?

—Nem posso acreditar que estou aqui—respondeu Tuomi.

—Acontece que você tem de tomar uma decisão importante e nós queremos que você tenha todo o conforto para tomá-la—disse enigmáticamente o coronel.—Por outro lado, isto é uma amostra do que o espera se decidir corretamente.

—Vamos entrar logo no assunto—disse bruscamente o general.—Estamos pensando em mandá-lo aos Estados Unidos numa missão importante e perigosa. Terá de entrar no país e trabalhar ilegalmente lá. Se fôr descoberto, na melhor das hipóteses pegará uma longa sentença de



Kaarlo Tuomi em 1951

prisão. Se tiver êxito, porém, as recompensas poderão ser grandes.

A súbita perspectiva de tornar-se espião na América abalou Tuomi.

—Nunca pude imaginar uma missão dessas—murmurou êle.—Não sei se tenho qualidades . . .

—Os seus antecedentes, tôda a sua vida, foram completamente analisados—disse o general, interrompendo-o.—Estamos certos de que você tem capacidade para fazer o que é preciso. O que está em jôgo é a sua vontade. Tem liberdade de escolha e isso ninguém pode fazer por você. Na verdade, a missão não é tão difícil quanto lhe pode parecer agora, mas há alguns aspectos desagradáveis que desejamos que analise. Você terá de viver e trabalhar como qualquer americano e, além disso, executar a sua verdadeira tarefa. Nunca poderá descuidar-se um momento que seja. E ficará separado de sua família por um longo tempo.

—Quanto tempo?—perguntou Tuomi.

—O seu período de adestramento aqui em Moscou durará provavelmente três anos—respondeu o general.—Tendo investido tanto em você, gostaríamos de tê-lo por lá durante três anos no mínimo, talvez mais. Quanto melhor trabalhar, mais tempo ficará.

—Que acontecerá à minha família?—perguntou Tuomi.

—Nada lhe faltará—disse o general.

—Poderia ter talvez um apartamento nôvo?

—Talvez demore um pouco, mas é uma coisa que podemos garantir—disse o general.—Haverá compensações ainda maiores. O seu salário será triplicado e nós o daremos todo à sua família, porque fornecermos a você todos os dólares de que necessitar. Os anos que passar no exterior serão contados em dôbro para a sua aposentadoria. Quando voltar não terá de se preocupar mais com coisa alguma pelo resto de sua vida. E há algo muito mais importante: você terá o orgulho de haver lealmente servido sua pátria socialista, e saberá que deu um sentido à sua vida.

Os dois oficiais se levantaram de repente.

—Não responda agora—disse o general.—Queremos primeiro que pense bem. Voltaremos amanhã.

Apesar do cansaço da viagem de trem, Tuomi não conseguiu dormir naquela noite. Passeando de um lado para outro pelo apartamento, ou sentado à janela olhando para as luzes de Moscou, pensou em tudo o que o tinha levado até àquele momento. Fatos e palavras que êle não havia compreendido na ocasião ganhavam significação. Faziam-no pensar que talvez houvesse anos que o KGB estivesse planejando apresentar-lhe a questão que tinha de resolver dentro de poucas horas.

Dois Erros Fatais

KAARLO Tuomi nasceu nos Estados Unidos, mas foi doutrinado no comunismo desde a infância por seu padrasto finlandês, um fanático evan-

gelizador. Em 1933, quando êle tinha 16 anos, a família mudou-se de Michigan para a Rússia e tornaram-se todos cidadãos soviéticos. Quatro anos depois, durante os expurgos stalinistas, o KGB apareceu no meio da noite e levou o padrasto, que nunca mais voltou.

Para sustentar a mãe e uma irmã, Tuomi trabalhou como lenhador até que foi convocado para o Exército em 1939. Após anos de combate, deu baixa em maio de 1946, sendo um dos dois sobreviventes de seu batalhão de infantaria. No caos do tempo da guerra, sua irmã desaparecera e sua mãe morrera de "insuficiência cardíaca", que era naquele tempo eufemismo soviético para morte por inanição. Os bens de Tuomi consistiam num uniforme sujo, um capote remendado, um par de botas alemãs, uma mochila cheia de toalhas e roupa branca e o sôlido da baixa equivalente a 20 dólares.

Na esperança de vir a ser professor de inglês, Tuomi matriculou-se no Instituto Pedagógico em Kirov, 765 quilômetros a nordeste de Moscou. Mediante um pequeno aluguel, partilhava um quarto de quatro metros e meio por cinco com uma viúva e as duas filhas desta. Havia uma lareira, mas nem cozinha, nem banheiro. Nas vizinhanças um depósito de lixo gerava maus cheiros e ratos do tamanho de pequenos gatos.

No outono, Tuomi e a filha mais velha da viúva, Nina, resolveram casar-se—mais por amizade e conveniência do que por amor. Casa-

ram-se na hora do almôço e passaram a noite de núpcias com a mãe e a irmã da noiva dormindo a dois metros de distância. Para aumentar o pequeno salário que Nina ganhava como vendedora de uma loja de roupas, Tuomi rachava lenha e transportava pão depois da escola para a Casa Estatal de Chá n.º 3. Recebia o equivalente a 50 dólares por mês e tinha direito às refeições, o que lhe permitia dar às mulheres a maior parte das suas rações. Contudo, havia crises freqüentes de alimentos, e isso levou Tuomi ao primeiro de dois erros que iam transformar-lhe a vida.

Em fins de dezembro de 1947, Tuomi estava arrastando um trenó carregado de pão através da neve. Destinava-se à casa de chá. Notando que a caixa de pão parecia mais pesada do que de costume, abriu-a. O cheiro do pão fresco se espalhou pelo ar frio enquanto êle contava as bandejas. Tornou a contá-las. Não havia dúvidas. A padaria havia acrescentado uma bandeja a mais com 100 suculentos pães. Se ficasse com êles e fôsse descoberto, seria condenado a 10 anos pelo roubo de bens do Estado. Mas quem iria descobrir?

Quase dobrado ao meio, passou em frente do escritório local do KGB,* chamado, por sua natureza sinistra e por sua côr, a Casa Cinzenta. Por um momento tremeu, depois correu para casa.

—Meu Deus!—exclamou Nina

* Em 1947 o KGB, cujo nome foi muitas vezes mudado desde a sua criação, chamava-se MGB—Ministério de Segurança do Estado.

quando êle entrou em casa com os pães.—Onde os conseguiu?

—Não interessa—respondeu Tuomi.—Compre vodca e manteiga enquanto eu acabo a entrega. Vamos fazer uma festa esta noite!

Tuomi cometeu o seu segundo êrro no inverno seguinte. Quando a escassez de lenha ameaçou a casa de chá de fechamento, o gerente conspirou com um vigia para tirar de um depósito do Estado lenha suficiente para a estação. Convenceu Tuomi a conseguir emprestado um caminhão com um amigo que trabalhava na garagem do Estado para transportar a lenha, e como compensação deu-lhe meio caminhão de lenha. Tuomi esqueceu-se dêsses fatos até à noite de 8 de dezembro de 1949. Estava acabando o seu trabalho na casa de chá quando um homem se aproximou dêle, exibiu uma carteira do KGB e disse:

—Venha comigo.

Na sede do KGB, Tuomi foi levado para uma sala do porão, dêbilmente iluminada por uma lâmpada que pendia do teto por um fio. Sentado a uma mesa de madeira estava o Major Serafim Alekseyevich,* homem baixo e forte, com uma cabeça enorme e frios olhos azuis. Postados de um lado e de outro dêle, quase invisíveis, estavam dois vultos sombrios vestidos à paisana.

—Sente-se, ladrão, e explique por

* "Alekseyevich" significa "filho de Aleksei". É nome próprio e não o sobrenome do major. Em muitos casos Tuomi não sabia o nome todo de seus superiores.

que se transformou num inimigo do povo!—gritou o major.

—Não compreendo—disse Tuomi.

—Você faltou miseravelmente ao seu dever para com o socialismo—declarou Serafim.—É culpado de sabotagem e vai ser punido.

O KGB prendera o vigia por outra infração e arrancara dêle a história da lenha roubada. Enquanto o oficial enumerava as provas do crime, um temor nauseante invadiu Tuomi.

—Só tiramos a lenha para impedir que a casa se fechasse—disse êle.—Não mereço alguma clemência? Lutei em muitas batalhas. Fui condecorado por bravura. Nunca fiz nada mais de errado.

Tamborilando na mesa, Serafim replicou pausadamente:

—E os pães? Conte-nos como foi que você roubou 100 pães e se empanturrou como um porco enquanto seus camaradas passavam fome. Está vendo? Você não é apenas ladrão! É mentiroso também!

Atordoado, Tuomi sentiu-se vazio de esperança.

—Nada posso dizer senão que sinto muito—murmurou êle em desespero.

O major do KGB resmungou cheio de desprezo. Depois de mais ou menos um minuto de silêncio um dos homens falou das sombras:

—Sua família sofrerá terrivelmente enquanto você estiver na prisão. Seria uma pena. Mas talvez haja uma saída para você.

—Que quer dizer com isso?—perguntou Tuomi.

—Basta que saiba que temos muito



© Ford-Willys 70.1661

A suspensão do Ford Corcel põe você acima de tudo.

A suspensão do Ford Corcel é superdimensionada. É resistente. Mas flexível.

Ela foi planejada, testada e aprovada especialmente para tôdas as condições de tráfego das ruas e estradas brasileiras.

A Engenharia Ford conseguiu colocar você acima de tudo.

Ao dirigir um Corcel você comprova isso. Aproveite o que é bom.

A suspensão do Ford Corcel faz você pensar que todos os caminhos são perfeitos. Aproveite tôda a potência da máquina. Ele é econômico.

Ande à vontade, o radiador selado mantém sempre a temperatura ideal. Abuse até. O Corcel não vai fugir das suas mãos.

O freio a disco nas rodas dianteiras garante isso.

Em 1970 a Ford-Willys dá a você o privilégio da escolha. Você também poderá adquirir o Ford Corcel através do Consórcio Nacional.

CORCEL



trabalho para fazer e você pode ajudar-nos—respondeu o homem.

Serafim empurrou papel e caneta por cima da mesa.

—Escreva—ordenou.

Tuomi escreveu obedientemente um juramento de eterno segredo e fiel execução de tôdas as ordens do KGB. Em seguida o major entregou-lhe um papel com um enderêço.

—Vá procurar-me aí às nove horas da noite de hoje a uma semana.

Era um recrutamento clássico do KGB. Como Tuomi iria saber anos depois, o KGB colocara de propósito os pães e o tentara a roubá-los. Depois, tinha esperado pacientemente para descobrir outro ato pelo qual êle pudesse ser objeto de chantagem. Agora tinha-o nas mãos.

“Diga-nos Exatamente”

NUMA FRIA noite de luar, uma semana depois, Tuomi bateu à porta de uma casa de madeira de dois andares numa rua transversal perto do centro de Kirov. Externamente a casa era igual a qualquer outra da rua. Internamente era dividida numa série de escritórios no andar térreo e dois apartamentos no primeiro andar. Essa foi a primeira das muitas “casas-fortes” que Tuomi visitaria —refúgios onde o KGB recebe os seus informantes e lhes dá instruções.

“Sirva-se de um gole e vamos começar”, disse Serafim, apontando um frasco de conhaque georgiano. Começou a esboçar os deveres de Tuomi:

“Em primeiro lugar, você dará parte das atitudes no Instituto Pe-

dagógico em relação às medidas do Partido, às condições de vida e, especialmente, ao Ocidente. Queremos saber tudo o que seus professores e colegas dizem, de mal e bem. Diga-nos exatamente o que ouvir, não o que achar que queremos ouvir.

“Aos olhos de seus camaradas deve mostrar-se um intelectual, curioso a respeito do mundo. Sempre que ouvir uma declaração anti-soviética sugira que você talvez concorde com ela. De vez em quando aventure críticas cautelosas. Pode até fazer um ou dois comentários moderadamente favoráveis ao Ocidente. Quando a sua reputação se espalhar você atrairá os que pensarem particularmente o que você sugerir abertamente. Isso toma tempo. Nunca avance demais para não espantar a caça”, concluiu Serafim.

Não houve promessa de recompensas. Mas, comunicando fielmente o que ouvia no Instituto, Tuomi começou a descobrir que o KGB dispensava benefícios secretos. Depois que se diplomou pelo Instituto em 1950 não conseguiu achar colocação. O KGB imediatamente intercedeu para conseguir-lhe emprêgo, primeiro no Instituto, depois no centro local de educação de adultos.

A filiação ao Partido era essencial para o progresso a longo prazo dentro do magistério e do próprio KGB. Quando o requerimento de Tuomi encahou porque êle não sabia o que fôra feito da irmã desaparecida, o KGB fêz investigações através da União Soviética até que a encontrou

—ajudante de pedreiro em Arcângel. Com o nascimento de seus dois primeiros filhos, em 1948 e 1951, o salário regular de Tuomi tornou-se cada vez mais insuficiente. O major suplementava-o com presentes de algumas centenas de rublos antes dos feriados e das férias.

Bem dirigido e adquirindo experiência, Tuomi tornou-se um especialista. Tinha muitos dos atributos do bom espão: coragem, inteligência, curiosidade, boa memória e o dom de fazer os outros gostarem d'ê. Seu riso era fácil, seus olhos azuis irradiavam bom humor e o rosto largo e simpático inspirava confiança. Como acontece freqüentemente com quem permanece na espionagem, acabou gostando da clandestinidade por si mesma. A culpa que sentira a princípio por denunciar os colegas pouco a pouco foi-se desvanecendo à medida que êle ia conseguindo considerar-se um patriota.

Só havia um homem a quem êle não se sentia capaz de trair: Nikolai Vasilyevich, um estudioso da literatura russa, estimado por sua inteligência, honestidade e espírito generoso. Alto, frágil e delicado, tinha o dom do grande professor para entusiasmar e as suas aulas viviam repletas. Como êle se negara repetidamente a ingressar no Partido, o KGB conservava-o sob vigilância periódica, e em dezembro de 1955 Tuomi foi designado para observá-lo.

Pouco depois, numa festa de Ano Novo, Tuomi ouviu um estudante perguntar a Vasilyevich por que

êle se recusava a filiar-se ao Partido.

—O comunismo é uma gaiola— respondeu êle.—Eu não nasci para viver numa gaiola. Nasci águia.

Tuomi omitiu essa declaração no seu encontro seguinte com o KGB. Quatro dias depois Serafim telefonou-lhe para a escola, coisa que até então não havia feito.

—Arranje a desculpa que quiser, mas venha encontrar-se comigo daqui a 15 minutos—ordenou-lhe.

Quando Tuomi entrou na casa forte a fisionomia do major mostrou-lhe que estava em dificuldades.

—“O comunismo é uma gaiola. Eu não nasci para viver numa gaiola” —repetiu o oficial do KGB.

—Já ouviu alguma vez estas palavras?

—Já. Foi Nikolai Vasilyevich quem as disse—respondeu Tuomi, suando frio ao compreender que outro espão tinha estado na festa.

—Por que então não deu parte delas?

—Pensei que não tivessem importância.

—Não torne a situação pior do que já é—disse Serafim.—Tem muita sorte de ter sido eu, em vez de outra pessoa, que descobri isto. Só vou deixar passar porque já trabalhamos juntos há muito tempo e porque faço uma idéia do que o futuro lhe reserva, se você não puser tudo a perder.

Encerrando o encontro, o major fêz-lhe uma advertência final:

—Espero que êste episódio lhe tenha ensinado uma coisa: *Nunca* tente enganar-nos.

O Teste Final

No outono de 1956, Alevtina Stepanovna, uma viúva de 29 anos, matriculou-se na turma de Tuomi. Embora não fôsse muito bonita, os cabelos louros, os suaves olhos côr de avelã e o corpo sedutor tornavam-na indiscutivelmente atraente. Ensina-va francês no curso secundário e queria aprender inglês.

—Quem sabe se você não me podia dar lições extras?—perguntou ela a Tuomi um dia, depois da aula.

O sorridente pedido da môça pareceu tão autêntico que êle concordou em encontrar-se com ela durante duas horas todos os domingos.

Alevtina era excelente aluna. Durante as aulas concentrava-se no inglês, mas insistia depois em que Tuomi ficasse para tomar chá com bôlo. O apartamento de duas peças onde ela morava com a mãe e um filhinho era quente e claro. Conversando com ela enquanto o sol entrava pelas janelas, Tuomi ficava contente de haver concordado com as aulas.

Com o tempo Alevtina levou-o a falar sôbre si mesmo. Lançava-lhe inesperadamente uma pergunta pessoal, sempre sorrindo e às vêzes baixando a voz como se o convidasse a uma troca de confidências.

—É verdade que você nasceu na América?—perguntou ela um dia.

—É verdade.

—Não gostaria de ir viver lá, se pudesse?—perguntou ela docemente.

A antena intuitiva que um cida-

dão soviético bem-avisado sempre desenvolve advertiu Tuomi de que devia ter cuidado.

—Creio que todos têm vontade de visitar de nôvo o lugar onde nasceram—respondeu êle.—Mas viver lá, não. O futuro pertence à União Soviética e não aos Estados Unidos.

Envergando um vestido azul nôvo, Alevtina parecia especialmente encantadora quando êle chegou para dar-lhe uma aula num domingo de janeiro de 1957. Ela chamou da janela:

—Venha olhar a neve.

Quando êle foi para a janela, ela ficou tão perto dêle que os corpos de ambos se tocaram.

—Estamos sòzinhos hoje—disse ela em voz baixa.

Por um instante Tuomi vacilou entre a tentação e o que lhe ensinava tôda a sua experiêcia com o KGB. Afastou-se e disse:

—Desculpe, mas não podemos ter aula hoje. Meus filhos estão doentes e eu tenho de ajudar Nina a tomar conta dêles.

Poucos dias depois Alevtina disse-lhe lacônicamente que ia desistir das aulas.

Voltando para casa algumas semanas depois, Tuomi viu um vulto esgueirando-se pela rua à sua frente, sem olhar para a esquerda nem para a direita. Era Alevtina e, quando ela entrou por uma rua transversal, êle a seguiu. Mas ao vê-la entrar numa casa, êle parou abruptamente. Era uma das casas-fortes do KGB onde êle se havia encontrado com Serafim.

SEU MUNDO EM TEMPO SEIKO É um Cronógrafo Seiko



Este relógio é cronômetro, taquímetro e calendário

No mundo de hoje você precisa de um relógio que faça mais do que marcar a hora. Você precisa de um Seiko.

O Cronógrafo Seiko, por exemplo, tem um mecanismo com 17 rubis, calendário diário, taquímetro, cronômetro e um anel rotatório ao redor do mostrador (para regular o seu tempo até por 12 horas). É automático, resistente ao choque e à prova de água até 70 metros de profundidade. E Seiko é o maior fabricante do mundo de relógios de precisão.

Peca para ver o Cronógrafo Seiko. Você adorará cada minuto Seiko.

Escritório Central: Seiko Watch
K. Hattori & Co., Ltd. - Tóquio, Japão
Hase & Cia., Ltda. - Caixa Postal 8052
Rua Conselheiro Furtado, 93 - 2.º e 3.º and.
São Paulo, BRASIL

SEIKO


EXPO 70
HORA OFICIAL
SEIKO

DOIS MESES depois Tuomi recebeu o chamado para ir a Moscou. E então, no espaçoso apartamento, compreendeu por que o KGB o havia testado por meio de Alevtina. Tinham procurado sondar-lhe os sentimentos íntimos a respeito dos E.U.A. Mas ainda mais importante era que, por suas reações às insinuações de Alevtina, haviam tentado avaliar-lhe a dedicação à família. Sua mulher e as crianças só serviriam como reféns eficazes se êle verdadeiramente se interessasse por elas.

Enquanto o dia nascia sôbre a cidade, Tuomi tentou pesar as vantagens e desvantagens da missão e as conseqüências da rejeição. Pensou nos filhos—Viktor, de 9 anos, Irina, de 6, Nadejda, de 4—e nos anos com êles que seriam perdidos. Mas pensou também nos benefícios que o nôvo salário e a nova posição poderiam dar à família. Os seus teriam um apartamento melhor, geladeira, televisão, tôda a comida e roupa de que precisassem. O KGB asseguraria às crianças uma boa educação.

E se êle recusasse a missão? Seria marcado como “duvidoso”. Do mesmo modo que o KGB lhe conseguira emprêgo poderia providenciar sua demissão. Poderia, sem explicação, lançá-lo a si e à sua família na miséria, sem possibilidade de apelação.

E se êle empreendesse a missão de espionagem e falhasse? Sentiu-se atormentado pelo mêdo da prisão e até da morte. Mas o patriotismo e a devoção ao comunismo fizeram-no querer o que sua pátria pedia.

O general e o coronel estavam impassíveis quando entraram no apartamento. Depois que se sentaram, o general inclinou-se para a frente:

—Deu ao caso a mais cuidadosa atenção?

—Quero cumprir o meu dever—respondeu Tuomi.

—Pode orgulhar-se de si mesmo—disse o general, e os dois oficiais sorriram e se descontraíram perceptivelmente.—Isso ainda tem de ser aprovado no mais alto nível, mas creio que tudo se resolverá. Terá notícias dentro de algumas semanas.

De volta a Kirov, Tuomi disse a Nina e aos professôres seus colegas que tinha feito exames de admissão para um curso de intérpretes e que estava à espera dos resultados. Êstes chegaram em 26 de abril de 1957, num telegrama de Moscou assim redigido: “Foi aceito para o curso.”

Começam as Aulas

O CORONEL estava esperando quando Tuomi chegou a Moscou no dia 1.º de maio. Foram de carro até a um dos melhores edifícios de apartamentos na cidade, na Avenida Kutuzovsky, e tomaram o elevador até ao 5.º andar. Aí o coronel abriu a porta do que parecia um armário de guardados. Era na realidade a entrada de uma escada oculta que levava a um apartamento do sexto andar.

—Entre—disse o coronel.—Vou mostrar-lhe a sua nova casa.

O apartamento consistia numa grande sala de estar e de jantar combinada, elegantemente mobiliada e

coberta de tapêtes orientais, um grande quarto, um quarto menor, uma cozinha de tipo americano e um banheiro moderno. Uma estreita escada em espiral levava a uma enorme sala de estar banhada de sol no terraço. Entre a mobília havia dois sofás de couro vermelho, uma escrivaninha de mogno, um projetor de cinema com tela, uma mesa de pingue-pongue e um cofre. Uma parede estava coberta de estantes cheias de revistas americanas, números do *Times* de Nova York e romances de Hemingway, Mark Twain, Jack London, Steinbeck, Dreiser e Dickens. Para os lados do norte, Tuomi podia ver o Rio Moscou azul e, a leste, as tôrres das igrejas do Kremlin, que pareciam cebolas douradas ao sol. Aquela sala era a escola de espões.

—Todo mundo está de férias, de modo que durante algum tempo você terá de arranjar-se sozinho—explicou o coronel.—Passeie pela cidade, durma quanto puder e descanse até ter notícias nossas. Os vizinhos sabem que não lhe devem fazer perguntas. Se se encontrar com eles no elevador, pode dizer “alô”, mas não passe disso. Permita-me desejar-lhe todo o sucesso em sua nova vida.

Esse interlúdio de vida privada e liberdade terminou no sexto dia. Pouco antes das oito horas da manhã foi acordado pelo telefone.

—Não saia esta manhã—disseram-lhe.—Alguém vai para aí.

Tuomi estava na sala de estar uma hora depois quando ouviu alguém chamar da sala de baixo:

—Alô! Há alguém em casa?

Descendo a escada em espiral, deparou com um homem baixo, um pouco feio, de bochechas levemente flácidas, nariz grande, óculos de aros de aço e uma massa de densos cabelos prêtos penteados para trás.

—Meu nome é Aleksei Ivanovich, seu principal professor e conselheiro—disse o homem, estendendo a mão.—Desculpe ter entrado assim.

O visitante era Aleksei Ivanovich Galkin. Quando jovem comunista, êsse filho de camponeses tinha trabalhado no Metrô de Moscou enquanto estudava. Graças à obediência, operosidade e instrução, subira com rapidez no serviço secreto soviético. De 1951 a 1956 tinha servido como agente nos Estados Unidos, disfarçado em funcionário da ONU. Dedicara-se principalmente a adquirir um conhecimento direto que o capacitasse a preparar homens para exercerem espionagem nos E.U.A. Mudava de residência de poucos em poucos meses para ficar conhecendo bem diversos bairros da cidade de Nova York e seus subúrbios. Procurava continuamente ser convidado para as casas de famílias a fim de poder ver pessoalmente como os americanos viviam e assim saber como os agentes soviéticos deviam proceder entre êles.

—Vou dar-lhe instruções gerais sobre o que temos à nossa frente. Depois, procurarei responder às suas perguntas—disse Galkin, num inglês fortemente carregado de sotaque, mas compreensível.—O seu período

de instrução durará três anos. A matéria principal será a teoria e a prática do serviço secreto, que eu lhe ensinarei. Estudará também a filosofia de Marx, Lenine e Engels em sua aplicação ao serviço secreto, além de assuntos técnicos tais como criptografia, fotografia e escrita secreta. Ao mesmo tempo, nós lhe daremos uma visão geral dos Estados Unidos: história, geografia, política, organização militar e vida contemporânea. Naturalmente, trabalharemos intensamente no seu inglês. Sei que o fala bem, mas a língua está em constante transformação. Terá anos de gíria para aprender e queremos polir o seu sotaque tanto quanto possível. Por falar nisso, espero que goste de cinema—disse êle, apontando para o projetor.—Nós passaremos filmes americanos constantemente. Temos uma grande filmoteca.

Galkin fêz uma pausa, pegou o bloco de papel em que Tuomi tinha tomado algumas notas.

—De hoje em diante, nada por escrito, sim?—disse êle.—Tem de guardar tudo na memória.

—Desculpe—murmurou Tuomi.

—Não, não—continuou Galkin, batendo no ombro de Tuomi.—Não confunda correção com repreensão. Algum dia sua vida poderá depender do que aprender aqui, e, por isso, todos os seus professôres lhe apontarão os erros que poderão ser fatais. Só queremos ajudá-lo, especialmente eu: como seu conselheiro, o seu sucesso resultará em mérito para mim. Não deve hesitar em

levantar qualquer questão ou problema comigo, por mais pessoal ou trivial que pareça. Vamos tomar chá?

Enquanto fervia a água num samovar de prata, Galkin observou:

—Sabe que os americanos botam mesmo gelo no chá?

—E é muito bom num dia quente—disse Tuomi.

—É verdade. Ia quase me esquecendo da sua infância nos Estados Unidos. É uma vantagem que você tem sôbre a maior parte dos clandestinos que mandamos para lá. Mas ainda tem muito que aprender.

Tomando o chá, Galkin continuou:

—A segunda fase dos seus estudos será prática. Trataremos de forjar-lhe uma identidade que se mantenha nos Estados Unidos. Deve ser inventada para você tôda uma vida, e você terá de conhecê-la como se a tivesse realmente vivido.

—Pode dizer-me o que se espera que eu faça nos Estados Unidos?—perguntou Tuomi.

—Especificamente não. Mas sua primeira tarefa será estabelecer-se como americano e conseguir um emprego. Depois precisará descobrir americanos que possam trabalhar para nós. Se tudo correr bem, alguns agentes americanos que já temos poderão ser-lhe entregues para dirigi-los. De qualquer maneira, tenho quase certeza de que trabalhará fora de Nova York.

—Poderei ver minha família enquanto estiver aqui?—perguntou Tuomi.

—Certamente. De tempos em

Descubra uma nova alegria.



Ajude alguém.

Ajude o Exército de Salvação a manter seus lares de meninos e meninas, de mães, de anciões, suas clínicas médicas e dentárias, sua farmácia, suas escolas, seu albergue.

O Exército de Salvação precisa de sua ajuda. Ajude.

Preencha e remeta o cupom abaixo para Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1573 - Caixa Postal 8631 - São Paulo - Tel. 37-1014 e 35-4924

O Exército de Salvação mantém:
8 Lares de menores; 1 Lar de mães;
1 Lar de Anciões; 2 Clínicas Médicas;
2 Clínicas Dentárias; 1 Farmácia;
5 Escolas; 1 Centro Social com albergue.



Desejo ajudar o Fundo Geral do Exército de Salvação, pelo menos com a importância de NCr\$ 25,00 por trimestre, que poderá ser cobrada trimestralmente, semestralmente ou anualmente (assinale a que mais lhe convier.)

NOME:

RUA:

CIDADE: ESTADO:

Enderêço para cobrança:

() Remeterei pelo correio.

(COLABORAÇÃO DE SELEÇÕES DO READER'S DIGEST)

tempos poderá fazer breves visitas a Kirov e nós traremos sua família até aqui a passeio uma ou duas vezes. Aqui está um enderêço para onde poderão escrever-lhe. Se tiver quaisquer problemas de família, diga-me.

—Mais uma coisa—continuou.—

Para educar as massas há necessidade de simplificações e até de exageros. Mas para você o conhecimento exato é essencial. Assim sendo, não fique escandalizado se o que lhe dissermos fôr diferente do que é dito ao público. Agora vamos conhecer Yelena, a melhor cozinheira de Moscou.

Uma mulher corpulenta e grisalha de uns 50 anos de idade cumprimentou Tuomi. Tinha sido durante anos assistente do cozinheiro-chefe no Kremlin. Agora era uma espécie de dona de pensão dos estudantes de espionagem. Serviu um delicioso almoço de sopa de ervilhas, carne temperada e arroz cozido com um pouco de farinha de trigo, repólho-vermelho, salada de tomates e melão, acompanhado de vinho tinto.

—Será melhor depois que eu souber do que você gosta—disse ela.— Cuidarei bem de você.

Professôra Provocante

NÃO ESTANDO habituado a tanta comida e vinho ao meio-dia, Tuomi cochilou no sofá. Foi acordado por um cumprimento cálido e gentil:

—Como vai, camarada?

À sua frente, olhando para êle, estava uma fascinante morena de cêrca de 30 anos. Usava um vestido comprado em Peck & Peck de Nova

York. O vestido desenhava-lhe de tal modo as curvas do corpo esbelto que a distinguiu de qualquer russa que Tuomi já tinha visto.

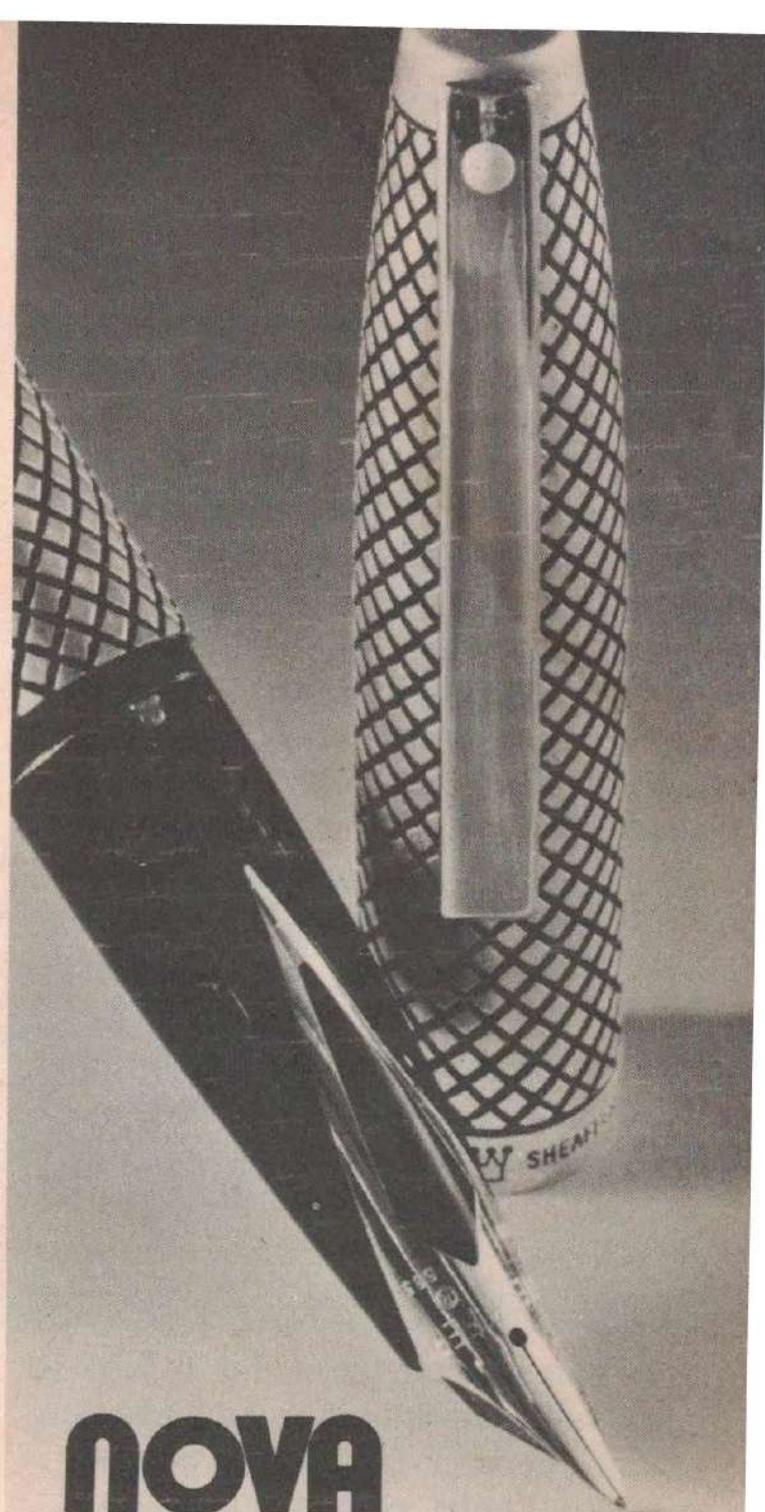
Era Fainna Solasko, filha de uma russa que durante anos tinha servido nos Estados Unidos como cortesã de oficiais do KGB e de funcionários soviéticos em visita. Fainna tinha-se criado em Nova York, onde a mãe constava da fôlha de pagamento da Amtorg, a companhia de comércio soviética. Depois de estudar nas universidades de Colúmbia e de Nova York, fêz um casamento mal sucedido com um empregado americano da Agência Tass. Em 1955 tomou o caminho de Moscou, idealmente apta por seus antecedentes, inteligência e disposição, para instruir espões sôbre os Estados Unidos.

Anunciou que os seus deveres eram aperfeiçoar o inglês de Tuomi e doutriná-lo completamente em relação à vida americana contemporânea. Tinha recebido também a missão mais importante e secreta de fazer uma avaliação do seu estado psíquico e seu caráter.

—Por que tem as unhas tão sujas?
—perguntou ela.

Tuomi olhou para as mãos. Ocorreu-lhe que suas unhas sempre tinham vivido sujas em conseqüência dos trabalhos braçais que tinha de fazer para ganhar alguma coisa extra para a família. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Fainna zombou dêle de nôvo.

—De que granja coletiva você vem?



NOVA FORMA DE PROTESTO.

Protesto contra tudo o que é ultrapassado. "Démodé".

Protesto contra a escrita pesada das canetas antiquadas.

Luta a favor da escrita macia, gostosa.

Que só Sheaffer tem.

conformista. O mundo está mudando.

Mude v. também. Para Sheaffer, a caneta de quem tem idéias jovens. Idéias novas.

Vamos, escreva protestando.

Não seja um



SHEAFFER

□ Prestígio mundial em suas mãos

—Eu sou professor—respondeu Tuomi.

—É difícil de crer com êsses sapatos. Algum dia já os engraxou?

—Não se costuma fazer isso em Kirov.

—Você terá de aprender a engraxar você mesmo os seus sapatos.

—Nunca estêve perto de uma mulher?—exclamou ela fingindo-se indignada.—Meu Deus, você não tem jeito mesmo!

Humilhado e furioso, Tuomi sentiu vontade de bater nela. Mas, através dos anos, o KGB tinha-lhe ensinado o bastante para perceber que



E vou ensinar-lhe a dar o laço na gravata para que os outros não pensem que você faz biscates como carasco. Venha para o quarto.

Fazendo Tuomi ficar diante de um espelho de corpo inteiro, Fainna colocou-se por trás dêle, passou-lhe os braços em tórno do pescoço e arrumou-lhe o laço da gravata. O contato do corpo flexível, o toque dos cabelos dela no pescoço, o leve perfume produziram a reação masculina natural que ela observava no espelho. Afastando-se dêle, ela procurou envergonhá-lo ainda mais.

Fainna o estava provocando propositalmente.

—Minha vida até agora tem sido tal que não tive oportunidade de adquirir as boas maneiras que devia —disse êle com tôda a displicência que lhe era possível.—Mas, se tiver oportunidade, tenho certeza de que poderei aprender.

Fainna olhou-o em silêncio por um momento com os olhos escuros e provocantes.

—Você saiu-se bem—disse ela finalmente.—Estou vendo que vai ser um bom aluno e que nos daremos

bem. Para provar que não há ressentimentos, vou dar-lhe um presente.

E entregou-lhe um estôjo americano de limpar sapatos.

“É Nosso por Tôda a Vida”

DEPOIS dos primeiros dias de aulas, Tuomi teve a impressão de que tôda uma universidade fôra criada exclusivamente para educá-lo. Os professores que visitavam o apartamento diàriamente das nove horas da manhã às cinco da tarde eram todos experimentados profissionais do serviço secreto. Quase todos tinham sido espões nos E.U.A. A qualidade do inglês que falavam podia variar, mas o domínio sôbre o assunto particular de cada um era excelente.

O homem que ensinou a Tuomi a filosofia do serviço secreto chamava-se Aleksandr Josefovich. Simpático, louro, a voz ressoante, parecia-se com o evangelizador americano Billy Graham e falava como êle.

—Deve considerar a humanidade, passada, presente e futura, como um grande organismo que necessita de intervenção cirúrgica—explicava êle. —Não se pode fazer uma operação sem cortar membranas, destruir tecidos e derramar sangue. Do mesmo modo, no serviço secreto, às vêzes destruimos indivíduos que são tecidos que podem ser sacrificados no organismo da humanidade. De vez em quando temos de realizar atos desagradáveis, até rapto e assassinato. Mas nada disso é imoral. Todos os atos que fazem avançar a História e o socialismo são atos morais.

Aleksandr era notavelmente sincero. Maravilhava-se com a facilidade de viajar nos Estados Unidos.

—Lá, quando se quer ir a algum lugar, basta tomar um carro, um ônibus, um trem ou um avião e ir. Ninguém faz perguntas—informava êle a Tuomi, com a voz cheia de assombro.—A rêde de estradas é incrível e êles vão gastar bilhões de dólares para melhorá-la.

—O capitalismo não tem relação alguma com isso, tem?—perguntou Tuomi de brincadeira.

—De certo modo tem—respondeu Aleksandr a sério.—Do mesmo modo que o feudalismo, o capitalismo teve um lugar na História. Mas o seu tempo passou. A economia americana deve o seu vigor a três fatores fundamentais que nada têm a ver com o capitalismo. Primeiro, os E.U.A. têm imensos recursos naturais. Segundo, o seu território escapou durante quase um século à devastação da guerra. Terceiro, foram colonizados pelos povos mais bravos e mais trabalhadores da Europa. Os americanos descendem de boa raça e continuam trabalhadores e resistentes. Seria loucura dizer o contrário.

De todos os professores, era de Galkin que Tuomi mais gostava e o que mais respeitava. Mas Fainna vinha logo depois. Ela fazia de cada sessão um jôgo divertido, embora sério. Para começar, descrevia uma cena típica da vida americana, atribuindo então um papel a Tuomi e outro a ela para serem representados em inglês. Assim, Tuomi foi a uma

feita numa casa suburbana e ela foi a dona da casa. Hospedou-se num hotel e ela foi a môça da portaria. Candidatou-se a um emprêgo e ela foi o diretor do pessoal. Ia a um restaurante e ela era a sua companheira. Procurava sempre acentuar o uso de expressões idiomáticas, piadas e nomes feios nas coisas que êle dizia.

Quase todos os professôres se referiam, de uma maneira ou de outra, aos perigos da promiscuidade sexual e do álcool. Mas Fainna foi escolhida para dar a instrução formal a respeito do sexo.

—Ninguém espera que você passe anos sem contatos sexuais—disse ela francamente.—Mas como êsses contatos podem ser extremamente perigosos, é necessário definir o que você pode e não pode fazer. Não deve ter qualquer relação com prostitutas, porque elas podem transmitir-lhe doenças. Não procure seduzir môças ou mulheres casadas. Estamos investindo muito em você e não podemos arriscar-nos a problemas tolos com pais ou com marido ciumentoso. Uma mulher madura e independente é a companheira mais segura, mas não se mêta em complicações sentimentais com *nenhuma* mulher.

Fainna foi a primeira a servir-se da filmoteca para fins educativos. Tinha à sua disposição literalmente todos os tipos de produções de Hollywood—filmes mudos que datavam da década de 1920, os últimos filmes em technicolor, policiais, melodramas, comédias, musicais, *westerns*, filmes de crime, de guerra e de horror; o

bom, o mau e o mais ou menos. Para experimentar a compreensão de Tuomi, ela lhe exigia que visse um filme e depois contasse o enrêdo em inglês e explicasse o sentido.

Outros professôres escolhiam filmes com objetivos mais específicos. Galkin insistia nos que mostravam os órgãos americanos de manutenção da lei. Exibiu repetidamente um filme em que Yul Brynner chefiava uma quadrilha de contrabandistas de entorpecentes. De cada vez, parava o filme para repetir uma cena em que guardas aduaneiros americanos despedaçavam e davam busca incansavelmente na bagagem de um suspeito de contrabando de heroína.

—É isso que você poderá enfrentar—dizia êle.—É uma cena muito realista.

Galkin dava também instruções minuciosas a Tuomi sôbre como tratar relações com os americanos e distinguir os que pudessem ser atraídos para a espionagem.

—Não perca tempo procurando pessoas que simpatizem ideologicamente conosco—dizia êle.—São relativamente poucas e nós temos, afinal de contas, outros meios de descobri-las.

Acentuava a importância de um largo círculo de relações.

—Vá à igreja—dizia êle a Tuomi.—É um bom lugar para fazer amizades e o simples fato de sua presença ali sugere que você é inofensivo. Entre para clubes como o Lions ou o Rotary. Lembre-se de que, mesmo que uma pessoa que você conheça

não seja interessante, poderá levá-lo a alguém que o seja.

As pessoas mais prováveis eram as que tinham problemas—dinheiro, sexo, jôgo, bebida—qualquer fraqueza que as tornasse suscetíveis de serem comprometidas ou manobradas.

—Nos Estados Unidos—explicava Galkin—um homem pode ter uma casa de 20.000 dólares, um carro, bons móveis e roupas, sendo, apesar disso, um insatisfeito. Conhece outros que vivem ainda melhor. Deseja uma casa de 40.000 dólares. Muda-se e as prestações da casa aumentam. Tem de ingressar num clube, comprar outro carro e móveis novos. Cada vez faz mais dívidas tentando manter a sua posição.

—É nesse ponto que você entra em ação e o ajuda com um empréstimo. Faça-o saber que não tem pressa em receber o dinheiro e sugira que pode haver mais se êle precisar. Adiante-lhe cada vez mais dinheiro, até que êle esteja endividado sem remédio com você. Então, de repente, pede-lhe o pagamento do dinheiro, coisa que êle não pode fazer. Fica então desesperado e será tentado por sua sutil proposta: em troca de um ato de traição docemente disfarçado você esquecerá tôdas as dívidas dêle. Deverá convencê-lo de que a informação, o documento ou o favor que pede não têm grande importância e que você não pedirá nada mais. Tudo será esquecido. É claro que—concluía Galkin com um sorriso—desde que cometa êsse pequeno ato será nosso por tôda a vida.

Embora Galkin fôsse em geral controlado e sem grandes manifestações de emoção, irrompeu um dia pelo apartamento, em setembro de 1957, fremente de exaltação.

—Sabe com quem foi que subi no elevador agora mesmo?—exclamou êle.—Eleanor Roosevelt! Eu estava bem ao lado dela!

—Que é que ela está fazendo aqui?—perguntou Tuomi incrédulo.

—O mais engraçado é isso—respondeu Galkin.—Está sendo levada para visitar os melhores apartamentos de Moscou para que ela possa ver como vive o trabalhador soviético típico. Pensei até em trazê-la até aqui para ficar conhecendo você, americano como ela.

Riram, imaginando o que poderiam estar dizendo à Sr.^a Roosevelt, um andar abaixo da escola de espionagem soviética.

—Talvez ela pudesse assistir a algumas das nossas aulas—disse Galkin.—Saberia então quanto realmente queremos conhecer a terra dela.

Exibição de Modas

O ENSINO foi-se tornando gradativamente mais técnico. Tuomi foi pôsto a par de tôda a terminologia do serviço secreto soviético. Aprendeu que “Centro” significava a sede em Moscou, “nadar” queria dizer viajar, “doença” equivalia à prisão, um “caso liquidado” representava assassinato. Uma “lenda” era uma história para tapear; um “sapato”, um passaporte falso; um “sapateiro”, um técnico que falsificava passaportes; uma

“caixa de música”, um transmissor de rádio; um “vizinho”, outro ramo do serviço secreto soviético.

Dominou a microfotografia, que reduzia uma página escrita ao tamanho de um ponto num postal ou numa carta. Aprendeu a usar e desenvolver a escrita invisível, a cifrar e decifrar mensagens por meio de códigos disfarçados como calendários de bôlso do tamanho de uma caixa de fósforos. Ensinar-lhe a perceber a vigilância e a livrar-se dela, tomando um ônibus, entrando numa loja com muitas portas ou trocando de táxi. Foi para a rua a fim de treinar comunicação com o Centro por meio de “depósitos”—esconderijos onde um agente coloca mensagens, dinheiro ou documentos para serem recolhidos por outro.

Um dia, quando tirava fotografias do Ministério da Defesa, Tuomi foi detido por dois detetives do KGB. O seu professor de fotografia, Vladimir Grigoryevich, chegou correndo e disse em voz baixa:

—Sou responsável por êste homem. Soltem-no.

Seguiu-se uma discussão exasperada, mas as credenciais superiores do professor prevaleceram. Quando se afastavam rapidamente, Vladimir mostrou-se furioso:

—Já lhe disse muitas vezes que quando se tiram fotografias em público, é preciso agir com rapidez.

Foi um dos poucos lapsos de Tuomi.

Em princípios de fevereiro, Victor Vasilyevich Kapalkin, um funcioná-

rio que periódicamente levava abastecimentos à escola, foi com Tuomi de carro a um edifício em Moscou, perto da Embaixada Americana. Entrando por um portão de madeira, atravessaram um pátio e chegaram a um edifício comprido e baixo. Lá dentro Tuomi viu-se numa loja de roupas para homem, que lhe pareceu muito estranha. Compreendeu de repente por que tudo o que havia ali era americano! Estava num almoxarifado completo para espões que se destinavam aos Estados Unidos.

—Queremos êste homem vestido —disse Kapalkin ao alfaiate encarregado, que tomou as medidas de Tuomi e depois seguiu através da sala.

Kapalkin verificava numa fórmula impressa cada artigo que o alfaiate ia entregando: camisas, gravatas, um par de sapatos prêtos e outro marrom, um chapéu, meias de nylon, camisas de meia, cuecas, um suéter de caxemira, lenços, um pegador de gravata de prata, botões de punhos e um relógio automático.

—Os ternos e o sobretudo terão de ser alterados na sua medida—explicou Kapalkin.—Mas queremos que use tudo isso suficientemente para que nada pareça nôvo quando você partir. A propósito, êste relógio é muito bom. Não se veja tentado a empenhá-lo no mercado negro. Houve um louco que tentou fazer isso. Não lhe direi onde êle está agora, mas não é nos Estados Unidos.

Duas semanas depois, Tuomi, Gal-kin e Fainna estavam no fim de um

dos soberbos almoços de Yelena quando Kapalkin chegou com uma mala de couro marrom. Abriu-a e apresentou a Tuomi um terno azul-marinho de tecido brilhante, um terno cinza de *tweed* e um sobretudo castanho-amarelado com o fôrro prêso por fecho *éclair*. Todos pediram que Tuomi experimentasse as roupas. Êle foi ao quarto e vestiu o terno de *tweed*, com camisa branca, gravata de tricô preta, sapatos e meias prêtos. Depois colocou um lenço dobrado no bôlso do paletó como tinha visto fazer nos mais recentes filmes americanos. Quando reapareceu, os outros riram e bateram palmas.

—Parece direitinho um americano!—exclamou Fainna.—Passará em qualquer lugar.

Exames Finais

EM MEADOS de março de 1958, Galkin chegou inesperadamente ao apartamento, parecendo cansado e preocupado.

—Estive no Centro e devo dizer-lhe que deverá partir mais cedo do que esperava—informou.—As relações com os Estados Unidos estão muito agitadas. Temos de colocá-lo lá o quanto antes, a fim de que, se daqui a dois ou três anos houver uma ruptura de relações, você esteja pronto. Se houver guerra, só contaremos com gente como você.

—Quanto tempo ainda?—perguntou Tuomi.

—Não sei exatamente. De qualquer maneira, vai ser submetido a



**muitas mulheres têm olhos mais bonitos
porque tomam **LMP** regularmente**

Intestinos regulados, organismo livre de toxinas, o corpo resplende de vitalidade na maciez da pele, no viço dos cabelos, no brilho dos olhos...

Laxante suave, antiácido gentil, o L. M. P., Leite de Magnésia de Phillips, é o moderno hábito de saúde — Acostume-se a considerá-lo o amigo de sua beleza!



**LEITE DE
MAGNÉSIA DE
PHILLIPS**

—o remédio mais útil que se pode ter em casa.

exames muito difíceis. A idéia não é minha; é o Centro que insiste nisso. Depois, talvez possa passar algum tempo com a sua família. Teremos de trabalhar então na falsificação da sua história e você fará uma viagem pela Europa. É preciso que tenha alguma prática de passar por americano fora da União Soviética.

Os exames duraram cinco dias e incluíram todos os aspectos do seu treinamento. Pessoas estranhas que nunca eram identificadas se uniram aos professores regulares para interrogar Tuomi. Algumas das perguntas que faziam ultrapassavam de tal maneira os limites de tudo o que lhe haviam ensinado que êle receou que estivessem resolvidos a reprová-lo.

Tuomi passou três dias sem saber como se saíra. Galkin levou-lhe então uma mensagem do Centro.

“É oficialmente cientificado de que os resultados de seus exames são os seguintes: Teoria e Prática do Serviço Secreto—excelente, com a observação de que há necessidade de aperfeiçoamento quanto a perceber a vigilância; Filosofia do Serviço Secreto—excelente; Fotografia—satisfatório; Criptografia—excelente; Estudos Americanos e Inglês—excelente. Meus parabéns. Chefe.”

Galkin acrescentou radiante:

—Tenho mais notícias. Sua família vai ganhar um apartamento novo.

—Magnífico!—exclamou Tuomi. —Pode dizer-me mais a êsse respeito?

—Vou deixar isso para sua mulher. Ela e as crianças chegarão a Moscou depois de amanhã. Temos uma casa

para você fora da cidade. A casa toda, já imaginou? Depois de uma semana ali, irão todos passar um mês no Mar Negro.

Galkin tinha-se mostrado quase jubiloso no seu papel de benfeitor. Mas, quando começou a despedir-se, ficou sério até à melancolia.

—Será a sua última oportunidade de estar com sua família talvez durante muitos anos—disse êle.—Aproveite-a ao máximo. Quando você voltar, ainda o verei de vez em quando. Mas outro homem tomará o meu lugar. Êle acertará com você todos os detalhes da sua missão. Daqui por diante tudo é para valer.

Vida Nova

TUOMI voltou das férias queimado de sol e descansado, mas apreensivo. O seu primeiro encontro com o novo professor, que o cumprimentou com um apêto de mão indiferente, em nada concorreu para atenuar-lhe a ansiedade.

—Sente-se e preste atenção—ordenou o Coronel Dimitri Federovich Polyakov.

—Sua missão já foi determinada—declarou Polyakov.—Irá para Nova York e, depois de estar seguramente instalado ali, se concentrará no cais do pôrto. Precisamos urgentemente de informações sôbre o movimento de foguetes, material de guerra e tropas através do pôrto de Nova York. Ao mesmo tempo, deve ajudar a desenvolver fontes americanas potenciais. Se tudo correr bem poderá ser transferido para Washington ou

para outro lugar a fim de dirigir alguns cidadãos americanos que já trabalham para nós. Meu dever será aperfeiçoar a sua lenda e certificarme de que você a domina. Além disso, eu lhe darei tôdas as instruções sôbre as técnicas necessárias ao cumprimento de sua missão.

Apesar da rudeza autoritária de Polyakov, Tuomi admirou-o como oficial enérgico e excepcional no seu manifesto desprêzo pelas práticas burocráticas.

—Não seja um escravo estúpido do regulamento—disse-lhe Polyakov.— Se puder encontrar uma maneira melhor de fazer as coisas, empregue-a. Você vai para lá obter resultados e não para obedecer a regras. Uma vez, quando eu estava trabalhando em Nova York, tive de mandar uma mensagem com urgência. Cifrei-a ali mesmo no *subway*. Se alguém me viu, pensou que eu devia estar fazendo algum problema de palavras cruzadas. Às vêzes o local ou o ato mais ostensivo pode ser o menos suspeito. O essencial é que, depois de estar instalado, não perca tempo demais em esconder-se a ponto de não poder fazer mais nada.

Polyakov interrogou Tuomi minuciosamente, investigando todos os detalhes de sua vida que poderiam eventualmente adaptar-se à lenda que iria mascarar o que êle havia feito nos últimos 25 anos.

—É claro que teremos de fabricar muita coisa—disse êle.—Mas, na extensão em que pudermos usar a verdade, será mais fácil para você.

De acôrdo com a lenda por fim aprovada pelo Centro, Tuomi nasceu em Míchigan e se criara em pequenas cidades daquele Estado. Depois da morte de sua irmã em 1932, seu padrasto abandonara a família e nunca mais fôra visto. No ano seguinte, êle e a mãe se haviam mudado para Minesota para ajudar na fazenda da avó dêle. Passando férias no alto Míchigan cinco anos depois, casou-se com uma namorada de infância, Helen Matson. A fazenda começou a decair em 1941 e Tuomi foi procurar emprêgo em Nova York, tendo morado num edifício de apartamentos na Avenida Decatur, no Bronx. Uma junta de recrutamento isentou-o do serviço militar porque a espôsa, a mãe e a avó doente em Minesota dependiam dêle.

Não tendo conseguido emprêgo em Nova York, Tuomi foi trabalhar num acampamento de lenhadores no Rio Fraser, perto de Vancouver, no Canadá. Mais tarde foi transferido para um depósito de madeiras em Vancouver, onde ficou até 1949, quando se mudou para Milwaukee. Trabalhou ali numa oficina e, depois, no departamento de embalagem da General Electric. Em seguida abriu uma pequena mercearia. Em 1956, sua mulher infiel deixou-o.

Em conseqüência dos problemas emocionais causados pela ruptura de seu casamento, sua mercearia foi por água abaixo e êle a fechou em 1957. Mudou-se então para Nova York, com a idéia de estudar contabilidade e começar vida nova. Seu emprêgo

mais recente foi numa companhia madeireira no Bronx. No momento estava procurando um apartamento porque tinha sido forçado a mudar-se de um edifício condenado para permitir a construção de uma nova via de acesso à Ponte George Washington. Para ajudar essa lenda a fundir-se com a realidade, êle devia usar o nome que recebera ao nascer, Karlo R. Tuomi.

--É uma lenda boa-- disse Polyakov.—Tenho criado dezenas e ainda não houve uma que falhasse.

E enquanto Polyakov lhe explicava algumas das bases reais da biografia, Tuomi compreendeu que os agentes soviéticos nos Estados Unidos deviam ter no correr dos anos gasto milhares de horas para co-

lhêr detalhes aparentemente inócuos.

Havia de fato uma Helen Matson que em 1938 deixara uma cidade do alto Míchigan para se casar e de quem nunca mais se tivera notícias. A avó estava morta e a fazenda havia muito se fundira com outras. O edifício de apartamentos no Bronx onde êle supostamente morara tinha sido demolido. O depósito de madeira de Vancouver tinha sido vendido e os atuais proprietários não podiam saber quem tinha trabalhado ali anos antes. O proprietário da oficina de Milwaukee tinha morrido e a mudança de pessoal do departamento de embalagens da GE era tal que era de presumir que qualquer pessoa *podia* ter trabalhado ali sem ser lembrada. Além disso, o esqueleto da lenda era re-

**chocolate
gostoso esperou para
ser DULCORA**

DULCORA
CHOCOLATE COM LEITE

Em seis sabores:
CHOCOLATE COM LEITE
- UVA PASSA - CAJU
- AMÊNDOAS - AVELÃS
- CRÓCANTE DE MEL

cheado com a carne de nomes e caracterizações de numerosas pessoas a quem Tuomi teria conhecido nos locais em que supostamente vivera e trabalhara.

—Há mil detalhes—nomes, datas, lugares, fatos—que você tem de decorar—advertiu Polyakov.—De agora em diante, deve viver essa lenda dia e noite. Filmamos e fotografamos muitos dos lugares onde se supõe que você tenha estado. Mas, quando chegar lá, você deve visitar êsses lugares e familiarizar-se pessoalmente com êles. Enquanto não fizer isso, será vulnerável se fôr submetido a um verdadeiro interrogatório. Os primeiros meses serão críticos.

O Impôsto de Renda era o único problema potencial para o qual Polyakov não podia fornecer uma solução completa. Simplesmente não havia meio de explicar por que Tuomi nunca apresentara uma declaração de Impôsto de Renda.

—Em hipótese alguma—disse-lhe Polyakov—você deve ir a uma repartição da Renda Interna ou falar com um agente. Se receber uma intimação para comparecer, comunique-se imediatamente conosco. Nessa ocasião será tomada uma decisão a respeito do que deverá fazer.

“Já Matou um Homem?”

DURANTE as semanas seguintes Tuomi ensaiou interminavelmente o seu papel, enquanto Polyakov assumia o papel de policiais e empregadores americanos, sondando-o e desafiando-o a fim de pegá-lo num

engano fatal. Os soviéticos tinham conseguido filmar dentro de três estabelecimentos onde Tuomi supostamente trabalhara. Estudando os filmes, êle observava os seus “colegas” trabalhando, enquanto Polyakov lhe dizia os nomes e lhe falava sôbre suas personalidades e seus hábitos.

No dia 9 de julho, Polyakov comunicou a Tuomi que êle iria iniciar uma missão de treinamento de dois meses na Europa Ocidental e na Escandinávia. Depois de esboçar o itinerário que o Centro havia traçado, perguntou calmamente:

—Você já matou um homem?

—Não tenho certeza—respondeu Tuomi.—Devo ter matado durante a guerra.

—Não, não é a isso que me refiro—disse Polyakov.—O que eu quero saber é se algum dia já marchou para um homem a quem sabia que tinha de eliminar, olhou para êle e em seguida o matou?

A crueza da pergunta fêz Tuomi responder instantâneamente:

—Não sou assassino, se é isso que está perguntando.

—Não se trata de saber se você é assassino, mas se tem coragem suficiente para ser patriota—replicou friamente Polyakov.—Suponha que há um homem ou uma mulher—americano, russo ou o que fôr—cuja existência nos prejudique. Suponha que um agente inimigo penetrou em nossas operações. Suponha que um dos nossos se tornou traidor. Poderia eliminar essa pessoa? É claro que você nunca teria de tomar a iniciativa des-

sa ação. Êsses empreendimentos têm de ser planejados nas mais altas esferas, porque podem acarretar graves complicações. Hoje em dia, porém, temos dispositivos que não deixam traços. A morte parece natural. Você teria de ser completamente preparado e equipado, mas a pergunta é a mesma: poderia cumprir o seu dever?

—Eu sempre cumpri o meu dever —disse solenemente Tuomi.—Creio que sempre poderei.

—Essa era a resposta que eu queria ouvir—disse Polyakov.—Devemos estar dispostos a liquidar qualquer pessoa se fôr necessário. Ninguém está livre.

Depois que o choque da conversa se atenuou, Tuomi pensou no objetivo da mesma. Chegou à conclusão de que, fôsse o que fôsse que o coronel tivesse pretendido além disso, a intenção fôra adverti-lo. Êle também poderia ser eliminado.

“Você é Espião?”

APRESENTANDO-SE como turista americano, Tuomi iniciou sua missão de treinamento ao decolar do aeroporto de Vnukovo, nos arredores de Moscou, num avião que se destinava a Copenhague. Essa viagem ao Ocidente—parte crucial do treinamento da maioria dos clandestinos soviéticos—tinha a finalidade de familiarizá-lo ainda mais com os costumes que encontraria durante a sua missão real, inclusive providências de viagem, conversas casuais com estranhos e problemas de câmbio de moedas. Esperava-se também que a viagem

atenuasse o efeito do “choque cultural” que ocorre quando um agente comunista disciplinado é exposto aos luxos e seduções da sociedade ocidental.

Em Copenhague Tuomi tomou outro avião para Paris. Logo que chegou iniciou o furtivo ritual frequentemente observado por um agente soviético após a sua chegada ilegal a um país estrangeiro. Registrou-se num hotel com o nome que tinha usado para entrar na França, passou aí a noite, rasgou o passaporte e fê-lo descer com a descarga do vaso. Depois registrou-se em outro hotel com o nome que aparecia em outro passaporte. Se as autoridades francesas tivessem suspeitas, procurariam um homem que já não existia.

Durante as 48 horas seguintes, Tuomi caminhou pelas ruas, andou em ônibus e táxis para ter certeza de que não era seguido. Satisfeito, mandou pelo correio um postal para um endereço do KGB em Viena, dizendo que tudo estava bem.

Depois disso, Tuomi teve duas semanas para gozar Paris como qualquer americano dinâmico. De máquina fotográfica em punho, visitou a Torre Eiffel, a Catedral de Notre-Dame, o Arco do Triunfo, o Sacré-Coeur e outras atrações turísticas. Jantou em restaurantes e boates, passeou às margens do Sena e olhou vitrinas. Comprou um relógio de pulso para Nina, uma máquina fotográfica para Viktor, patins de gelo e trajes de patinação de inverno para as meninas. A beleza da cidade, a elegância

das mulheres, as correntes do tráfego ressoante de buzinas, as lojas cintilantes, a melodia da língua—tudo fazia Paris parecer irreal como um sonho. Nada em sua experiência o havia preparado para um mundo assim. Saboreando vinho num café da calçada, Tuomi sentia-se envergonhado de achar a “decadência” ocidental tão deliciosa.

Depois de uma semana na Feira Mundial de Bruxelas, foi para a Escandinávia. Não podia libertar-se inteiramente do receio de ser descoberto—companheiro permanente de qualquer espão—mas ficou cada vez mais tranqüilo ao ver que em tôda parte os europeus pensavam instantaneamente que êle era americano. Quando jantava sòzinho num local de recreio na Finlândia, levantou os olhos e viu um furibundo finlandês, que devia pesar mais de 100 quilos, a olhá-lo com cara feia.

—Meu nome é Olavi e quero falar-lhe—disse o finlandês belicosamente.—Vamos para a minha mesa.

Preparado para dificuldades, Tuomi obedeceu. Olavi declarou que era violentamente anticomunista e tinha lutado contra os russos como guerrilheiro. Tinha naquela época a convicção, que era quase uma obsessão, de que os russos estavam infiltrando a Finlândia com americanos que eram na realidade espões soviéticos.

—Estou vendo que você é americano—disse êle sinistramente.—O que eu quero saber é o seguinte: você é espão russo? Diga a verdade!

As suspeitas do finlandês, ao mes-

mo tempo absurdas e corretas, fizeram Tuomi rir às gargalhadas. Isso convenceu Olavi de que estava em companhia de um americano autêntico. Tuomi não teve outro remédio senão passar uma longa noite de bebedeira ouvindo pragas contra tudo o que era russo.

Poucos dias depois Tuomi desembarcou em Moscou. Para completar a sua simulação como turista americano, tomou um ônibus da Intourist e passou a noite no Hotel Metropole. Na manhã do dia seguinte, Polyakov foi buscá-lo, interrogou-o sôbre a viagem e deixou-o no apartamento. Galkin estava esperando.

—Há muita pressão para fazê-lo seguir para os Estados Unidos e va-



Platina numa lâmina?



**Aqui está.
Plat-Plus, a nova e revolucionária
lâmina da Gillette, com
FIOS ENRIQUECIDOS COM PLATINA.**

A Gillette criou a primeira lâmina com platina.

Plat-Plus tem um fio absolutamente perfeito, como nunca foi possível antes. Isso graças ao processo Platina, descoberto pela Gillette.

Plat-Plus tem uma durabilidade

muito maior do que qualquer outra lâmina que você conhece.

Oferecendo o barbear mais confortável que você pode imaginar. Barba após barba, após barba...

**PLAT-PLUS: AINDA MAIS BARBAS,
COM MAIOR SUAVIDADE.**

—Sou obrigado a fazer uma verificação final do seu equipamento—disse êle.

Na mesa da sala de jantar, êle e Tuomi espalharam o equipamento de espionagem preparado para a missão pelos laboratórios do KGB. Havia um passaporte americano falso para saída da União Soviética e outro para entrada nos Estados Unidos. Outros documentos falsificados compreendiam cartas de referência da oficina de Milwaukee, da General Electric e da companhia madeireira de Nova York e uma carta que atestava que Tuomi havia completado o curso secundário em Rock, Michigan. Um estôjo de barbear “americano” continha um compartimento secreto para esconder documentos. Substâncias químicas necessárias para escrita secreta e micropontos eram disfarçadas como comprimidos de analgésicos e laxantes. Havia também um bloco espiral cujas páginas tinham sido especialmente tratadas para que Tuomi pudesse escrever nelas mensagens invisíveis.

Depois de tudo pronto, Polyakov entregou a Tuomi 150 notas americanas de 20 dólares.

—Isso deve bastar até que você estabeleça contato conosco nos Estados Unidos.

Na rua, depois de deixar o apartamento, Tuomi encaminhou-se para o pequeno carro que o coronel habitualmente dirigia.

—Não, hoje à noite você andará em carro de luxo—disse êle, apontando uma limusine preta a cujo

volante estava sentado um chofer. Acomodando-se no grande carro, observou:—Sabe que é esta a terceira noite consecutiva que envio um homem para o exterior? Os negócios estão prosperando.

No aeroporto, Polyakov ficou observando de longe, sem dizer coisa alguma, sem dar sinal de reconhecimento. Depois de apresentar um visto e um passaporte que o identificavam como um turista americano, Tuomi dirigiu-se para o avião. Momentos depois o vôo começou. Enquanto o avião ganhava altitude, Tuomi olhou para as luzes de Moscou lá embaixo e pensou que talvez nunca mais as visse.

“Gostaríamos de Falar com o Senhor”

No DIA 17 de dezembro de 1958, depois de uma semana em Paris e outra em Bruxelas, Tuomi desembarcou em Montreal, fazendo-se passar por um fino-americano. Logo que passou pela alfândega, destruiu o seu primeiro passaporte e tornou-se Robert B. White, empresário de Chicago. Quando se convenceu de que não o estavam vigiando, fêz uma reserva para 30 de dezembro no carro-leito até Chicago, tomando depois um trem transcontinental até Vancouver. Chegou na véspera de Natal. Quando estava diante do depósito de madeiras em que supostamente trabalhara no seu passado fictício, um grupo de adolescentes que cantavam canções natalinas passou por êle.

—Feliz Natal!—gritaram-lhe.

—E um Ano Nôvo alegre para vocês!—respondeu êle.

Depois de sua estada em Vancouver, Tuomi regressou a Montreal. Em 30 de dezembro esperou até que o noturno para Chicago começasse a sair da estação, e então pulou para dentro dêle. Desceu a cortina da sua cabina e mais uma vez passou sua história em revista. Miríades de advertências e instruções que lhe haviam incutido em Moscou se atropelaram nos seus pensamentos. Quando o trem parou entre montões de neve em Port Huron, Míchigan, tirou os óculos e enxugou o suor das mãos. Daí a pouco ouviu os guardas aduaneiros acordando e interrogando os passageiros. Afinal bateram.

—Pode mostrar-me sua identificação, por favor?—perguntou um inspetor norte-americano.—Olhou-a displicentemente e devolveu-a.—Fêz compras no Canadá ou encomendou mercadorias para serem entregues nos Estados Unidos?

—Só uma camisa—respondeu Tuomi.

—Muito bem, boa viagem—disse o guarda aduaneiro.—Desculpe tê-lo acordado a estas horas.

Nesse momento um homem môço com uma garrafa de bourbon na mão veio cambaleando pelo corredor e, para consternação de Tuomi, passou o braço pelos ombros dêle.

—Quer um trago, meu camarada?—perguntou êle.

—Muito obrigado—disse Tuomi, desvencilhando-se dêle.—Acho me-

lhor ir dormir mais um pouco.

Logo depois, sentiu que o trem começava a mover-se e ficou sabendo que se encontrava nos Estados Unidos. Custava-lhe crer que tivesse sido tão fácil.

De Chicago foi para Nova York, e a 3 de janeiro de 1959 terminou a longa viagem iniciada em Moscou. Exausto, pegou um táxi e se hospedou no Hotel George Washington com o nome de Kaarlo R. Tuomi, que iria usar permanentemente nos Estados Unidos. Dando rapidamente uma gorjeta ao homem que lhe levava as malas, jogou-se na cama e pela primeira vez em 26 dias dormiu profundamente.

No dia seguinte foi olhar a companhia madeireira do Bronx e o local do edifício de apartamentos demolido que faziam parte da sua história. Desde que o Centro preferia que suas mensagens fôssem datilografadas, comprou também uma máquina de escrever portátil e começou a praticar nela em seu quarto.

A fim de estabelecer comunicações com Moscou, tinha de conhecer os quatro "depósitos" escolhidos para êle em Nova York. O primeiro foi encontrado em Queens, embaixo de uma ponte ferroviária; o segundo, também em Queens, ficava ao lado de um poste de iluminação no canto nordeste do Cemitério de St. Michael; o terceiro ficava no Bronx sob uma ponte de *subway*; o quarto era em Yonkers, debaixo de uma moita perto das avenidas McLean e Van Cortlandt.

Com a remessa de um cartão-postal que parecia escrito por um desequilibrado à delegação soviética junto à ONU, Tuomi avisou o Centro de que deixaria uma mensagem no depósito do Bronx no dia 10 de janeiro. Deu parte na mesma de suas viagens e declarou que, a menos que recebesse instruções em contrário, partiria a 26 de janeiro numa viagem de dois meses para inspecionar os locais de sua lenda em Minesota e Wisconsin.

Pouco depois das nove horas da manhã de 17 de janeiro, passou sob a ponte do Bronx, avistou um recipiente metálico magnético prêso a uma viga e guardou-o no bôlso num movimento rápido. Abrindo-o no seu quarto de hotel, encontrou a seguinte mensagem cifrada: "Felicitações pela sua chegada bem sucedida. Viagem aprovada. A família está bem e manda cordiais lembranças. Tudo de bom. Chefe."

A viagem através do Meio-Oeste foi agradável. Viajando em ônibus, às vezes pedindo carona de uma pequena cidade para outra, Tuomi experimentava uma sensação cada vez maior de bem-estar. Tudo era exatamente como lhe haviam descrito em Moscou. Ninguém parecia interessado nêle, e muito menos desconfiado dêle. Sempre havia pensado que talvez fôsse bem sucedido. Começava a acreditar nisso.

Havendo completado a sua "educação" em Minesota, alugou um

quarto em princípios de março numa pensão em Milwaukee, onde oito lugares diferentes eram importantes para a sua biografia. Na manhã de 9 de março a cozinheira serviu-lhe um bom café. Tuomi bateu um instantâneo dela e, pretendendo dar-lhe a fotografia de presente, saiu para mandar revelar o filme numa loja de artigos fotográficos. Tinha andado cêrca de 10 metros quando ouviu uma voz dizer-lhe:

—Sr. Tuomi, gostaríamos de falar com o senhor.

Virou-se. Eram dois homens moços, atléticos e bem vestidos . . . exatamente como os homens do FBI sempre apareciam nos filmes americanos. Aterrorizado, reconheceu então pouco a pouco um dos homens. Era o "bêbedo" amistoso que lhe havia oferecido bebida no trem. Tuomi sentiu-se à beira de um colapso. Isso significava que êle tinha sido seguido todo o tempo desde a fronteira.

—Quem são os senhores?

—Creio que sabe quem nós somos, Sr. Tuomi.

—Deve haver algum engano— disse Tuomi.

—Sim—replicou o homem.—O que é preciso saber é o que vamos fazer. Vamos levá-lo diretamente para a cadeia, ou quer conversar e ver o que se pode arranjar?

A 2.^a Parte da história de Kaarlo Tuomi, intitulada "O Espião que Mudou de Idéia", aparecerá no número de agosto de Seleções.

(Tradução de Pinheiro de Lemos)